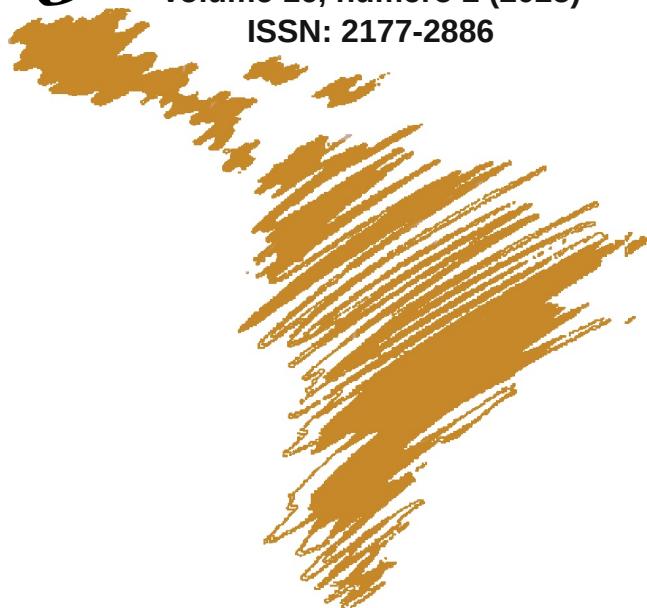


Revista
Latino-americana de

Geografia e Gênero

Volume 16, número 2 (2025)

ISSN: 2177-2886



Artigo

Além do Arco-Íris: O Suicídio da População LGBTI+ em uma Compreensão Fenomenológico- Hermenêutica

*Más Allá del Arcoíris: El Suicidio de la Población
LGBTI+ en una Comprensión Fenomenológico-
Hermenéutica*

*Beyond the Rainbow: The Suicide of the LGBTI+
Population in a Phenomenological-Hermeneutic
Understanding*

Maria Vanessa Moraes da Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Norte –
Brasil

vanessamoraes21@gmail.com

Ana Karina Silva Azevedo

Universidade Federal do Rio Grande do Norte –
Brasil

anakarinaazevedo@hotmail.com

Como citar este artigo:

SILVA, Maria Vanessa Moraes da; AZEVEDO, Ana Karina Silva. Além do Arco-Íris: O Suicídio da População LGBTI+ em uma Compreensão Fenomenológico-Hermenêutica. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 16, n. 2, p. 308-330, 2025. ISSN 2177-2886. DOI: <[10.5212/Rlagg.v16.i2.0015](https://doi.org/10.5212/Rlagg.v16.i2.0015)>.

Disponível em:

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlegg>

Além do Arco-Íris: O Suicídio da População LGBTI+ em uma Compreensão Fenomenológico-Hermenêutica

Más Allá del Arcoíris: El Suicidio de la Población LGBTI+ en una Comprensión Fenomenológico-Hermenéutica

Beyond the Rainbow: The Suicide of the LGBTI+ Population in a Phenomenological-Hermeneutic Understanding

Resumo

A população LGBTI+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Intersexo) tem sido apontada com maior propensão ao suicídio na literatura científica. Nessa direção, esta pesquisa tem como objetivo compreender a experiência de pessoas LGBTI+ que tentaram suicídio, a partir da perspectiva fenomenológico-hermenêutica de Martin Heidegger. Foram entrevistadas pessoas que tentaram suicídio e sobreviveram. As análises foram feitas a partir da inspiração no círculo hermenêutico comprensivo. As narrativas demonstraram vivências de sofrimento, violência, existências sem pertencimento e o matar-se como possibilidade de não mais habitar este mundo. Espera-se que os resultados contribuam para ampliar a discussão sobre a saúde mental da população LGBTI+ na sociedade brasileira.

Palavras-Chave: Suicídio. População LGBTI+. Pesquisa fenomenológica. Martin Heidegger.

Resumen

La población LGBTI+ (Lesbianas, Gays, Bisexuales, Travestis, Transexuales, Intersexuales) ha sido señalada como más propensa al suicidio en la literatura científica. En este sentido, la presente investigación pretende comprender la experiencia de las personas LGBTI+ que han intentado suicidarse, desde la perspectiva fenomenológico-hermenéutica de Martin Heidegger. Se entrevistó a personas que intentaron suicidarse y sobrevivieron. Los análisis se realizaron inspirándose en el círculo hermenéutico comprensivo. Las narrativas mostraron experiencias de sufrimiento, violencia, existencia sin pertenencia y el suicidio como posibilidad de dejar de habitar este mundo. Se espera que los resultados contribuyan a ampliar el debate sobre la salud mental de la población LGBTI+ en la sociedad brasileña.

Palabras-Clave: Suicidio. Población LGBTI+. Investigación fenomenológica. Martin Heidegger.

Abstract

The LGBTI+ (Lesbian, Gay, Bisexual, Transvestite, Transsexual, Intersex) population has been identified as being more prone to suicide in scientific literature. Taking that into account, this research aims to understand the experience of LGBTI+ people who have attempted suicide, from Martin Heidegger's phenomenological-hermeneutic perspective. People who had attempted suicide and survived were interviewed. The analysis was inspired by the comprehensive hermeneutic circle. The narratives showed experiences of suffering, violence, existence without belonging and killing oneself as a possibility of no longer inhabiting this world. We expect that the results will contribute to broadening the discussion on the mental health of the LGBTI+ population in Brazilian society.

Keywords: Suicide. LGBTI+ population. Phenomenological research. Martin Heidegger.

Maria Vanessa Morais da Silva, Ana Karina Silva Azevedo

Introdução

As taxas de suicídio ao redor do mundo se diferenciam a partir de aspectos geográficos, culturais, regionais e sociodemográficos, como também a forma que estas mortes são registradas. O suicídio, apesar de seus altos índices, ainda é um fenômeno subnotificado e pouco discutido. No Brasil, alguns pesquisadores têm apontado a subnotificação e a baixa qualidade das informações contidas nos certificados de óbito, o que chama atenção, pois tais fatores podem ocasionar a subestimação do quantitativo de mortes por suicídio incluídas nas taxas de mortalidade (Lovisi et al., 2009).

Acerca das análises epidemiológicas, existem alguns grupos populacionais que a Organização Mundial da Saúde (2021) identificou como grupos em situação de maior vulnerabilidade para o risco de suicídio, tal como a população LGBT: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, que têm sido apontados como um desses grupos que estão mais propensos a ideações e tentativas de suicídio. Segundo Barbosa e Medeiros (2018), esse fato é associado a diferentes fatores como o preconceito, a discriminação, a violência e o estigma social que essas pessoas sofrem em diferentes espaços e lugares – educação, saúde, religião, família, dentre outras.

O suicídio entre a população LGBTI+ é uma questão complexa que se entrelaça profundamente com as geografias da sexualidade e de gênero, bem como com as geografias feministas. Esses campos de estudo analisam como o espaço e o lugar influenciam as experiências de vida das pessoas, especialmente aquelas que não se encaixam nos padrões heteronormativas e cismnormativas (Browne; Lim; Brown, 2011).

Nesse sentido, a homofobia e suas várias causalidades são atreladas a estratégias de apagamento de existências ditas marginais, nas quais um determinado grupo social ou identitário invalida o outro, na tentativa de controlar e regular modos de ser, justificando-se por extremas e distorcidas crenças religiosas, culturais e sociais, promovendo altos índices de homicídio e suicídio entre a população LGBTI+ (Silva; Lima, 2019). Também nessa direção, Tavares (2013) diz que qualquer um que vive um processo de exclusão, de alguma forma identificado com um grupo minoritário, tem algum tipo de dificuldade maior, pois vivencia estresses mais agudos e intensos, que se caracterizam também como fonte de um sofrimento ético-político.

O suicídio é um fenômeno complexo, sobretudo, um fenômeno humano. Ele não anuncia só a morte: fala também da vida, da existência, do ser-no-mundo. Os possíveis motivos que podem levar alguém a pensar ou tentar o suicídio são construídos ao longo da história de vida de cada um e são revelados nos sentidos e modos de ser que eles adotam para sua existência. O suicídio é passível de ocorrer em qualquer idade, classe social ou gênero, tendo um significado de sofrimento e desespero, algo mobilizador que promove uma abertura de questionamento sobre o sentido da vida (Dutra, 2011).

Este artigo é fruto de uma dissertação de mestrado que teve como objetivo refletir e compreender a experiência de pessoas LGBTI+ que tentaram suicídio, a partir da perspectiva fenomenológico-existencial norteada pela hermenêutica de Martin Heidegger. Esse filósofo retoma a questão do sentido



do Ser, do homem enquanto ser-no-mundo, outrora esquecida pela filosofia e pela metafísica. Heidegger (2015) vai questionar quem e como é esse homem, como se constitui no mundo e proporciona uma reflexão sobre algumas condições fundamentais e estruturais da existência humana, como as noções de historicidade, temporalidade, ser-no-mundo, habitar, angústia, temor, corporeidade, espacialidade e ser-para-a-morte.

Contornando o invisível: uma aproximação do suicídio presente entre população LGBTI+

Inicialmente, ressalta-se que uma pessoa LGBTI+ não necessariamente sofrerá emocionalmente em razão de sua identidade/sexualidade, assim como nem todas aquelas que se veem assobradadas por questões derivadas de opressões da mesma natureza, terão subsídios para resistir a esse cenário. Entretanto, optamos aqui nesse trabalho caminhar e apontar na direção do que não é aparente, do sofrimento velado pelo qual essas pessoas passam e sinalizar que, quando uma vida LGBTI+ sofre e clama por socorro, sua dor, sua voz e seu sofrimento na maior parte das vezes são invisibilizados.

A vulnerabilidade e o sofrimento da população LGBTI+ são históricos. Paradoxalmente, as pessoas LGBTI+ têm suas vidas invisibilizadas por uma sociedade e cultura heteronormativa, entretanto, ao mesmo tempo, têm suas existências extermínadas por essa mesma sociedade e cultura. São vítimas de várias atrocidades (in)contáveis e (im)pensáveis, têm suas existências patologizadas e incomprendidas, sendo uma população perseguida, criminalizada e assassinada ao longo do tempo e da história (Mendes; Silva, 2020; Noronha, 2017).

O homicídio e o suicídio são dois modos de morte trágicas frequentes entre gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais em decorrência da LGBTfobia. Contudo, no Brasil, não é exata a obtenção de números absolutos sobre essas ocorrências, pois os registros de óbitos notificados não apresentam os itens de orientação sexual, nome social e identidade de gênero. Logo, quase inexiste a possibilidade de realizar o levantamento de óbitos de pessoas não-heterossexuais e, além disso, mulheres trans e travestis são registradas como homens em suas declarações de óbito, e, na mesma direção, homens trans são registrados como mulheres (Baére; Conceição, 2018).

Na tentativa de quebrar com essa lógica de invisibilidade, algumas organizações não governamentais e alguns coletivos que representam as causas da população LGBTI+, interessados em visibilizar não só a vida de pessoas LGBTI+, como também suas mortes e sofrimentos, tentam compilar os dados sobre as violências cometidas contra a população LGBTI+, como assassinatos e suicídios.

O Grupo Gay da Bahia (GGB) – coletivo de referência nacional na compilação de dados sobre a população LGBTI+ – organiza um relatório anual de mortes LGBTI+, no qual desde o ano de 2016 acrescentaram as mortes por suicídio. Eles alertam para o problema da subnotificação, tendo em vista que se baseiam em notícias na internet, noticiários jornalísticos e pelo contato com a família das vítimas de suicídio para formularem essa estatística (Oliveira; Mott, 2020).



Nessa mesma direção, a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), em parceria com o Instituto Brasileiro Trans de Educação (IBTE), publica anualmente um dossiê de assassinatos e violência contra pessoas trans. Os seus mapas e dados também são constituídos a partir de notícias publicadas em jornais e outros meios de comunicação, além de outras fontes complementares (Benevides; Nogueira, 2021). A organização e publicação desses dados tem como finalidade denunciar a violência e sofrimento que atravessam essa população, bem como propor a construção de políticas públicas.

De acordo com essas ONGs e coletivos mencionados acima, o Brasil é um território insalubre para a população LGBTI+. O país figura enquanto campeão mundial em homicídios de homossexuais, no qual, para cada cinco gays, lésbicas, bissexuais ou transgêneros mortos no mundo, quatro são brasileiros, o que coloca o país no topo dos países mais LGBTfóbicos do mundo. Notificam-se mais mortes de homossexuais e transexuais no Brasil do que nos 13 países do Oriente e África onde persiste a pena de morte contra tal segmento. Além disso, a cada 26 horas um LGBTI+ é assassinado ou se suicida, vítima da LGBTIfobia (Benevides; Nogueira, 2021; Oliveira; Mott, 2020).

Tanto em relação ao gênero, a performatividade e a linearidade de sexo, gênero e desejo, o lugar e o espaço são elementos primordiais enquanto reflexo, meio e condição das normas culturais (Ornat, 2008). Veja, em um território político-existencial marcado pela desigualdade social, extensa vulnerabilidade de grupos minoritários, insegurança em espaços urbanos, públicos e privados, com uma epidemiologia cega à interface de gênero e sexualidade, sem investimento em políticas públicas afirmativas de saúde mental e instituições moldadas historicamente para serem excludentes. Como pensar em espaços e lugares seguros e inclusivos para a população LGBTI+ no Brasil?

Os estigmas e a violência que estão entrelaçados à vida dessa população causam um impacto enorme na saúde mental e é, mesmo invisibilizada, uma questão de saúde pública. Segundo pesquisa do coletivo #VoteLGBT (2020), um terço da violência sofrida pela população LGBTI+ acontece dentro de suas residências pela própria família e aproximadamente mais de 30% de pessoas LGBTI+ já foram diagnosticadas com algum transtorno mental (depressivos, ansiosos, de estresse pós-traumático); abuso de substâncias; automutilação e suicídio.

Ao falarmos sobre o risco de suicídio ou tentativa de suicídio entre a população LGBTI+, Teixeira-Filho e Rondin (2012) mostram que as pessoas ‘não heterossexuais’ têm mais chances de pensarem e tentarem o suicídio, se comparados aos heterossexuais, e que as ideações e tentativas de suicídio entre esse público são efeitos dos processos homofóbicos e não em decorrência de processos patológicos individuais. Habitando em um tempo e em uma sociedade heteronormativa, opressora e violenta, são “vidas em risco”, como afirma Duarte (2010). O autor diz também que: “[...] somente quem sabe que sua vida se encontra em risco pode arriscar-se a viver e pensar de outro modo” (Duarte, 2010, p. 2). São, inclusive, vidas em forma de resistência ao cotidiano de intolerâncias e violências.

Essas pessoas sentem o peso de viver em um país que, segundo Mendes e

Silva (2020), além de ser o que mais mata LGBTI+ no mundo é também ainda o que menos se discute a violência contra as minorias políticas e sociais. São pessoas que estão lançadas em uma sociedade e uma cultura as quais manejam o entendimento das questões de gênero e sexualidade, muitas vezes, por meio de um viés moral, separatista, preconceituoso e violento, o que pode desvelar sentimentos de medo, desamparo e sofrimento. São existências que se tornam ignoradas na vida e na morte, e que, paradoxalmente, causam incômodo a algumas sociedades.

Quando pensamos sobre a tentativa de suicídio e o suicídio entre a população LGBTI+, percebemos um grande tabu e silenciamento, seja pelas estatísticas, seja pela falta de problematização dessa temática, bem como a dificuldade de acesso à saúde, educação e assistência. Percebemos, sobretudo, a invisibilidade de um sofrimento. É importante lembrar, como diz Trzan-Ávila (2019), que a violência não se apresenta somente por atos públicos ou privados que podemos denominar de violentos, mas também pela anulação de direitos, por falta de pautas e políticas públicas importantes para o reconhecimento da população LGBTI+.

Segundo Duarte (2011), a luta pela garantia de direitos e liberdade democrática esbarra no limite do Estado burguês, pois, apesar de se ter avançado nessas questões, a experiência de visibilidade pública dos sujeitos LGBTI+, as construções de suas identidades, organização política e construção de políticas públicas específicas são alvo de inúmeros ataques pelo conservadorismo e fundamentalismo religioso, enfrentando uma resistência conservadora que não permite que a diversidade sexual e de gênero possa estar no lugar da política e do público.

O entendimento do entrelaçamento entre homem-mundo no que se refere ao fenômeno do suicídio deve ser investigado como uma experiência humana e cultural, pois emerge não só de aspectos singulares, mas também políticos e sociais. Para Dutra (2008), é preciso refletir criticamente a respeito do sofrimento existencial na contemporaneidade e como o homem constrói suas relações de sentido, lugar, espaço e tempo, tendo em vista que as condições econômicas, históricas, sociais e culturais participam do processo de construção de quem nós somos. É preciso compreendermos também que existem enquadramentos que distorcem nossa realidade e produzem sofrimento, por isso faz-se necessário olhar para questões importantes que desvelam nosso horizonte histórico.

Para Araújo (2019), o suicídio é tratado pela sociedade e por parte da ciência como se fosse uma doença, reduzindo os problemas da existência humana em problemas médicos e intrapsíquicos, que, por sua vez, geram uma medicalização da vida. Para que se possa entender esse fenômeno é preciso olhar para um todo que se manifesta de maneira singular, mas que carrega uma dimensão universal, histórica, política e geográfica. O suicídio seria um sofrimento ético-político que aparece à medida que estabelecemos relações com o mundo, o qual é atravessado estruturalmente por relações de poder e opressão arraigadas na sociedade. Logo, é preciso fazer ver as estruturas sob as quais existimos e questionar seus desdobramentos que produzem tais sofrimentos.

Em meio a tantos atravessamentos e dentre os vários preconceitos e tipos de

violências que permeiam a realidade da população LGBTI+ brasileira, o suicídio aparece frequentemente de forma marcante e invisibilizada. Ao mesmo tempo que existe o tabu social do suicídio, existem os tabus de gênero e sexualidade. Entendemos também que é um fenômeno invisível entre essa população, pois ela também o é. Ora, por que olhar para uma realidade que se quer exterminar?

Nessa direção, é preciso reconhecer o quanto os sofrimentos produzidos cotidianamente são provenientes dos preconceitos de nossa tradição colonizada, em uma realidade brasileira fortemente marcada pelo racismo, misoginia, patriarcalismo, LGBTfobia, bem como outras violências identitárias. Logo, as discussões de gênero, sexualidade, espacialidade e território podem ampliar nossa compreensão sobre o mundo e o fenômeno do suicídio.

Método

Esta é uma pesquisa de inspiração fenomenológica hermenêutica que, segundo Rebouças e Dutra (2018), acompanha o próprio movimento da existência e vai na direção dos sentidos dos fenômenos a partir da experiência. Incorporar a hermenêutica heideggeriana para a realidade de uma pesquisa significa almejar compreender como uma pessoa se situa no mundo e como ela lida com sua experiência. Não busca fatos, mas modos de ser, e, ao entrar em contato com a experiência narrada, possibilita uma ampliação da compreensão desses modos de ser.

Nessa perspectiva, segundo os conceitos heideggerianos (Heidegger, 2015), compreender é buscar os significados que o homem confere ao mundo, é encontrar o sentido que um fenômeno tem para a pessoa. Aqui entendemos como “homem = pessoa humana”, que, nesse sentido, pode ser mulher ou ainda não se reconhecer nesse binarismo. Trata-se, então, de realizar uma interpretação hermenêutica da existência humana, ou seja, buscar o desvelamento do ser que se manifesta na linguagem e que se encontra imerso na cotidianidade da sua existência, se revelando na relação com o outro.

Os participantes selecionados foram pessoas LGBTI+ que tentaram suicídio e sobreviveram a essa tentativa. O contato com os participantes se deu por meio de divulgação da pesquisa nas redes sociais, mantendo sempre a postura ética e sigilosa a respeito dos voluntários. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob CAAE: 49781921.2.0000.5537. Foram entrevistados dois participantes: um homem gay, 39 anos, cisgênero, branco e de classe média; uma mulher lésbica, 26 anos, cisgênero, preta e periférica.

Os critérios de inclusão para seleção e participação dos colaboradores da pesquisa foram: se reconhecer como pessoa LGBTI+; ser maior de 18 anos; ter passado pela experiência da tentativa de suicídio e sobrevivido; ter disponibilidade para participar da pesquisa e de assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLÉ). Os critérios de exclusão foram: pessoas que residem fora do Brasil; não estar em condições de decidir sobre sua participação na pesquisa.

Os instrumentos de pesquisa utilizados foram: entrevista narrativa e diário de afetações. A narrativa é proposta por Dutra (2002), que nos lembra que a

experiência não se dissolve quando é narrada, ela se aperfeiçoa e é ressignificada à medida que é falada. Essa autora também nos diz que, quando se pretende investigar e conhecer a experiência do outro, o método de inspiração fenomenológica pode trazer contribuições para a compreensão dos fenômenos. Para Benjamin (1987), a narrativa é uma maneira artesanal de comunicação. Ela não se interessa em mostrar o dado puro do que foi narrado, como quem daria um relatório. É como um mergulho na vida do narrador com a questão de pesquisa, para depois emergir a superfície com o que foi retirado daquele mergulho.

Após a realização das entrevistas e de nos encontrarmos com as afetações desveladas por esse momento, é importante que a registremos. Chamaremos aqui de “diário de afetações” o caderno ou local em que foram registradas as falas dos entrevistados, as percepções e inquietações da pesquisadora sobre as entrevistas, bem como os sentidos que puderam ser construídos no encontro com o entrevistado e ao longo da pesquisa. Para Rebouças (2015), o diário é um relato escrito sobre o cotidiano da pesquisa, no qual o pesquisador pode comunicar sua experiência. O diário é também considerado como uma ferramenta na pesquisa qualitativa, que tem o objetivo de registrar de forma escrita o que acontece na pesquisa, tanto as práticas cotidianas, quanto o que o pesquisador sente e percebe.

As análises das entrevistas foram feitas inspiradas no movimento circular do compreender que é pensado por Heidegger (2015) como um “círculo hermenêutico” e estrutura-se em três momentos fundamentais: posição prévia, visão prévia e concepção prévia. Aqui o modo de pensar a pesquisa e a interpretação das narrativas se baseou na circularidade hermenêutica e comprensiva proposta por Azevedo (2013) e Maux (2014).

O primeiro momento – a posição prévia, como as ideias iniciais que a pesquisadora tem sobre o fenômeno, ou seja, aqui nesse trabalho já trazemos conosco posições prévias sobre o fenômeno da tentativa de suicídio entre a população LGBTI+; as leituras que eu faço sobre essa temática, as minhas inquietações e questões de pesquisa;

O segundo momento – a visão prévia, que seria os recortes das possibilidades comprensivas que se mostraram a partir do encontro com os colaboradores, registra-se as afetações das narrativas ouvidas e destaca-se temas a serem discutidos. Aqui, pouso o olhar sobre as possíveis interpretações das experiências de tentativa de suicídio entre a população LGBTI+ que me vieram ao encontro;

No terceiro momento – a concepção prévia, faz-se a articulação do que se traz da posição prévia do conhecimento sobre a temática, com o que apareceu na visão prévia por meio do encontro com os colaboradores e suas narrativas, ou seja, é uma articulação do que já se compreendia anteriormente do fenômeno da tentativa de suicídio entre a população LGBTI+ com o que se poderá conhecer a partir do encontro com tal fenômeno. Nesse momento, é construído um texto interpretativo por meio do diálogo entre as reflexões feitas a partir das etapas anteriores e a literatura que embasa a temática.



Resultados e discussão

Ouvir as histórias e os sofrimentos de pessoas LGBTI+ e materializá-las em um trabalho acadêmico, anuncia um grito silencioso e solitário de vidas não desejáveis, que foram marcadas por uma existência potencialmente precária e invisibilizada, buscando, portanto, compreender como tem sido o habitar de uma pessoa LGBTI+ no mundo em que co-pertencemos e compartilhamos. Aqui, o que chamamos de habitar não tem um sentido estrutural e geográfico, mas existencial, de pertencimento e enraizamento de uma vida permeada por sentidos de ser que se é.

É importante fazer a observação que usamos nomes fictícios para preservar o sigilo e a identidade dos participantes, mantendo os princípios éticos estabelecidos na pesquisa. Nas linhas a seguir nos encontramos com as narrativas e histórias de duas pessoas. A Andorinha, que se reconhece como uma mulher lésbica e o Escritor, que se reconhece como um homem gay.

A Andorinha e seu sofrimento marcado no corpo

Essa participante tem 26 anos, estudante, se considera uma mulher lésbica, cisgênero e negra. Mora com a mãe e um sobrinho na periferia de uma cidade da região Nordeste. Vou chamar essa participante de Andorinha, uma ave que tem símbolo de partida e regresso, que representa também, na mitologia grega, uma simbologia de eterno retorno e ressurreição. A participante tem uma tatuagem de andorinha marcada no antebraço, sempre à vista. A entrevista foi realizada dia 31/01/2022 e aconteceu na modalidade presencial.

Em uma das primeiras falas, Andorinha se abre a contar sua história de dor:

Pesquisadora: Ela disse que a primeira vez em que tentou suicídio tinha 20 anos. Que sempre tentou tirar da cabeça esses pensamentos ruins, mas eles não paravam, iam e voltavam. Mas teve um dia que não conseguiu. Ficava sempre olhando para as telhas e os caibros, procurando um jeito de colocar a corda. Já tinha colocado um fio de tomada amarrado no pescoço e puxado, mas não funcionou, ficou sem forças. No dia que colocou a corda o coração acelerou, ficou toda gelada. Ela subiu no banquinho de plástico e passou a corda no pescoço, mas não chutou o banquinho, porque tinha medo de sentir muita dor, de se arrepender, e aí poderia pisar no banquinho lá em baixo. E foi isso que aconteceu. Na hora ficou pensando que era uma fracassada, que não tinha força nem pra se matar (anotações do diário de afetações produzido pela pesquisadora, 31/01/2022).

Na fala acima aparece a relação com o corpo e com a casa onde mora, um espaço privado e simbólico que abriga seus medos e angústias. A finitude anunciada na escolha por poder-morrer a convoca a pensar no próprio escolher: o morrer para findar a dor, mas um morrer que também anuncia a possibilidade de sentir dor. E anunciando o não ser mais do seu existir, escolher findar-se seria colocar um ponto final em sua história. Em sua fala, a questão sobre arrepender-se anuncia um recuar e olhar o próprio existir. Cabe aqui uma reflexão: é a morte o que Andorinha tem a escolher ou também o

Maria Vanessa Morais da Silva, Ana Karina Silva Azevedo



próprio viver, como quem investe em mais uma chance?

Parece-nos que a dor daquela corda em seu pescoço, o anúncio da morte material, foi mais sufocante que a dor dos seus pensamentos, de seu existir. Heidegger (2015, p. 321) interpreta a morte como um fenômeno da existência. Ele diz: “A morte é um modo de ser que a presença assume no momento em que é. [...] no sentido mais amplo, a morte é um fenômeno da vida”. Assim, quando começamos a viver, assumimos nossa condição ontológica de ser-para-a-morte. Para Heidegger (2015), o que interessa não é a morte ser um acontecimento terminal, mas como uma estrutura ontológica da existência humana. Ao se deparar com o seu findar material, Andorinha se encontra com alguns sentidos do seu habitar:

Pesquisadora: Ela disse que o pescoço ficou vermelho vários dias e sempre que via aquela marca, chorava pensando na tristeza que ia dar para a mãe. Ficou se sentindo culpada por fazer ela sofrer. E ao mesmo tempo vinham todos aqueles outros pensamentos [...] ficava pensando o tempo todo o que as pessoas estavam pensando dela... Ela disse que sabia que as pessoas ficam a julgando por namorar com uma menina, principalmente os vizinhos, eles a olham diferente, como se fosse de outro mundo, uma aberração (anotações do diário de afetações produzido pela pesquisadora, 31/01/2022).

Diluída no mundo, em um movimento impessoal, as vozes em seu entorno falam por ela, delimitam seu poder-ser e são tomadas por Andorinha como o que ela mesmo é. Heidegger (2015, p. 185) diz: “todo mundo é o outro e ninguém é si mesmo”. Para o autor, o impessoal se encontra em todo lugar e o público obscurece tudo e toma o que é encoberto por conhecido e a todos acessível. Entregamos o ser-aí aquele que chamamos de ninguém, na convivência de um com o outro. A comunidade que a julga se manifesta como uma via de sofrimento, o que nos leva a refletir que é possível considerar o espaço como um fator determinante de saúde mental.

Continuo o diálogo perguntando se era assim que ela se sentia: uma aberração.

Pesquisadora: Ela disse que às vezes se achava uma aberração. Pelo menos foi isso que disseram na igreja quando era mais nova. Quando era criança apanhou muito da avó. Ela gostava de brincar de ‘biloca’, empurrar pneu, jogar bola na rua e a avó dizia que era coisa de menino. A avó sempre lhe dava uma surra quando chegava em casa. Ela não sabia o porquê, mas desde pequena sempre pensava que era melhor morrer do que sofrer tanto assim. Ela lutava contra esse pensamento, mas ele sempre vinha (anotações do diário de afetações produzido pela pesquisadora, 31/01/2022).

Aqui a igreja aparece como lugar e instituição de controle das existências que se desviam de uma norma conservadora e cristã e assim ditam comportamentos e vivências. Logo, o que se percebe na fala de Andorinha é um enorme desalojamento, uma desacolhida com o seu modo de ser, de estar

no mundo. Na sua narrativa se desvela a inospitalidade deste mundo. Sobre isso, Barbosa (2020, p. 122) discute que “[...] os homens são estes que habitam um lugar que implica sempre em estar a caminho, em errância rumo a um outro habitar ou a um não mais habitar sobre mundo e terra”.

O homem habita poeticamente sobre a terra e é nesse espaço que ele pode criar possibilidades para um outro sentir, para um outro modo de ser-no-mundo, sempre em travessia. Ora, o homem habita inevitavelmente essa estranheza de estar no mundo sem um abrigo seguro, sem se sentir em casa. Assim como acontece com Andorinha que é tida como uma aberração, que sofre violência da avó por não condizer com as brincadeiras do seu gênero feminino definido ao nascer, que experimenta em cada olhar alheio o julgamento excruciente de ser si-própria.

No mundo que anuncia a familiaridade ao Dasein (homem, ser humano), Andorinha foi anunciada ao desterro de si. O que fazia, desejava fazer, não encontrava familiaridade no mundo. Seu modo de compreender-se, a partir da trama de significados de seu mundo, anuncia seu desenraizamento. Quem era, encontrava um desalojamento no mundo. Por surras e repreensões, não-ser-que-se-era, era o que se lançava como possibilidade.

Sobre os sentidos de habitar esse mundo sendo quem se é:

Pesquisadora: Andorinha diz que desde criança sente medo, ouvia vozes e via assombrações, tinha medo de que descobrissem quem era e que a batessem na rua. Quando estava com quatorze anos começou a se relacionar com uma menina e sentiu muita culpa. Ela sabia que era errado. Na igreja diziam o tempo todo que era pecado, que Deus abominava e que ela ia para o inferno. Ela ficava pedindo a Deus para tirar aquele sentimento dela, não podia gostar de meninas. Toda vez que ela ficava com uma menina se cortava, nos braços ou nas pernas, era uma forma de pagar o pecado e de aliviar a culpa. Mas um dia se sentiu culpada por estar se cortando, era como se estivesse ferindo a Deus de uma forma ou de outra (anotações do diário de afetações produzido pela pesquisadora, 01/02/2022).

No trecho acima podemos perceber como Andorinha se afina ao mundo pelo temor. Aqui a igreja aparece mais uma vez com um papel punitivo e de controle dos corpos e sexualidade. Na historicidade dela, ser quem se é era algo interditado desde a infância, um mundo que se anuncia como ameaçador. Sobre isso, Casanova (2020) já nos disse que, no temor, nos vemos lançados em um mundo que nos ameaça e confronta nossa fragilidade, uma vez que esse algo temível proclama nossa vulnerabilidade e coloca em alvo de destruição aquilo que nós mesmo somos. Nessa direção, Feijoo (2011, p. 54) diz: “Na tonalidade afetiva do temor, o que ocorre é o anúncio do caráter da fragilidade e vulnerabilidade frente aquilo que ameaça a existência”. Andorinha tem medo de que não só esse mundo a destrua, mas que algo do além lhe persiga, que encontre em seu caminho uma punição divina pelo fato de ser quem é.

Absorvidos por esse mundo e decaindo na impessoalidade nos tornamos quem não somos, fugindo de nós mesmos mobilizados pela angústia e restringindo a nossa liberdade e possibilidade de poder ser. Ser-no-mundo



sendo LGBTI+ significa, para a Andorinha, ser-no-mundo vivenciando a sexualidade de maneira pecaminosa e errada, experienciando impessoalmente quem se é a partir do que é verdade para o outro. Para Heidegger (2015, p, 184), o impessoal “[...] se atém facticamente à medianidade do que é conveniente, do que se admite como valor ou sem valor, do que concebe ou nega como sucesso;” e ainda designa “previamente o que se pode e deve ousar, vigia e controla toda e qualquer execução que venha a impor-se”. Na narrativa da Andorinha a impessoalidade se desvela:

Pesquisadora: Ela parou por um tempo de ficar com meninas, pois tinha medo de morrer estando em pecado. Ela dizia: “Já pensou sofrer aqui e depois que morrer sofrer no inferno?” (sic). Passou a não sair mais de casa e se isolou no quarto. Estava se sentindo sozinha, mesmo quando estava rodeada de gente. Ela não conseguia se aceitar daquele jeito, tinha vontade de morrer, se achava um lixo, desprezível e um peso para a família. Perdeu a vontade de viver, de fazer as coisas que gostava, até mesmo de se alimentar. Não sentia fome, era como se estivesse cheia o tempo todo (anotações do diário de afetações produzido pela pesquisadora, 01/02/2022).

Envolta em uma atmosfera de temor, tédio e angústia, o desejo de não-mais-viver se anuncia como possibilidade. No tédio, o nada se desvela e há um esvaziamento de sentido, pois “no tédio a finitude do ser-aí aparece no ser-para-a-morte, e sendo o tédio caracterizado pela temporalidade, nele o tempo se arrasta; ou seja, não há transcendência, não há projeto e, então, não há sentido” (Azevedo; Dutra, 2020, p. 463).

Quando o tédio paira sobre o ser-aí e o desvelar de um ser-angustiado se mostra, ele é confrontado radicalmente por essa condição originária de indeterminação. Para a Andorinha, sua experiência de solidão – de estar sozinha em meio aos outros, de isolamento e sentimento de pesar, seu tédio existencial – se revela de maneira dolorosa e insuportável, com isso a possibilidade de tirar sua própria vida aparece como aniquilamento do seu sofrimento. Então, o poder-morrer surge na experiência de Andorinha como restrição do seu poder-ser.

Em outros momentos de fala da Andorinha também podemos ver outros modos de disposição afetiva desvelarem-se:

Pesquisadora: Ela diz que começou a ficar muito doente e com medo de tudo. O coração acelerava do nada, o corpo ficava todo gelado, as mãos suando, falta de ar e à noite não conseguia dormir. Passou a não sair de casa sozinha com medo de passar mal na rua. Ela pensava: “se eu cair ninguém vai querer me ajudar” (sic). Muitas vezes que tentou se matar ficava imaginando as pessoas encontrando o seu corpo e saindo dizendo: “foi aquela sapatão que se matou” (sic). Ficava tão assustada de ouvir isso que desistia de se matar. “Eu sabia que era crise de ansiedade, mas eu comecei achar que era um castigo de Deus” (sic) (anotações do diário de afetações produzido pela pesquisadora, 01/02/2022).

No trecho acima podemos perceber uma existência atemorizada que se expressa na relação com o outro no espaço público. Um temor de vida e morte, um temor que percorria seu corpo em forma de sintoma. Como se algo estivesse para acontecer a qualquer momento, como se estivessem por descobri-la. De acordo com Ferreira (2010), a ameaça presente no temor é a ameaça que vem de algo existente no mundo, e nela, aquilo que é temido pode ser apontado e determinado como causa do temor. Teme-se algo do mundo, ou seja, os entes intramundanos ou outras pessoas que podem destruir de alguma maneira o homem, aquilo que somos.

Na fala da Andorinha percebemos que ela sente no corpo seu sofrimento e vive em uma constante atmosfera de temor. Os sintomas corporais que evidenciam o seu sofrimento também dizem do medo de ser quem se é, do medo de ser “descoberta”, das vozes que diziam o tempo todo que ela estava fadada ao inferno e que ela iria ser castigada, das vozes que anunciam o não-poder-ser quem ela é. Nesse sentido, como nos lembra Heidegger em Seminários de Zollikon (2017), a corporeidade e espacialidade são existenciais que estruturam o Dasein enquanto ser-no-mundo e, como tal, se determina a cada vez no mundo, como modos do seu corporar enquanto existência.

Essa angústia que ameaça os sentidos sedimentados da Andorinha é algo que vem como exigência de si mesma a partir das vozes mundanas presentes em sua historicidade. A maneira como ela é interpelada pela igreja enquanto instituição de poder, pela comunidade na figura dos vizinhos, pela avó como família geram sentimentos de não pertencimento e anormalidade. O seu sofrimento encontra caminho no seu corpo, uma vez que corporalmente ela desvela as dores de não poder existir como uma mulher lésbica. Ela era solicitada pelo seu corporar o tempo todo: sintomas somáticos, medo de se revelar como era, cortes corporais como forma de alívio, tentativa de morte do corpo metafísico, violência, preconceito, olhares tortos, isolamento. Viver parecia pesado demais.

A história da Andorinha é marcada por uma indigesta vulnerabilidade existencial que se anuncia na sua relação com os espaços e lugares que ela habita. Ao ouvir seu relato, escutamos uma vida atemorizada, um corpo marcado pelo sofrimento. Compreendemos que suas dores de existir durante muito tempo estiveram marcadas no corpo, num modo de corporar-que-sofre. Uma infância sendo punida por destoar das “brincadeiras de meninas”; o medo das vozes que ouvia e das assombrações que visualizava; o primeiro flerte com a morte quando se questionava se não era melhor morrer do que aquele sofrimento, se não era melhor a morte ao ser quem se era. Uma juventude marcada pelo medo, pelo temor, pela falta de sentido, pela angústia de não poder ser si-mesma numa sociedade que normatiza os modos de ser e de viver a sexualidade; um habitar religioso que a incriminava e lhe lançava ao inferno, que nomeava seu existir, seu modo de amar como pecado; um corpo que sangrava por dentro e escoava nas feridas abertas nos braços para sanar a dor; um emergir de pensamentos constantes sobre a morte, sobre seu findar; o medo da punição divina, dos olhares alheios de recriminação e reprovação; um corporar que lhe apontava em sintomas o que vivia em sua existência atemorizada; uma vida precária e sem lugar para habitar em um mundo que

não é capaz de acolher as diferenças. Compreendemos uma experiência espacial marcada pelo olhar público de preconceito que enquadra sua existência.

O Escritor e as palavras que o salvam

Vou chamar esse participante de o Escritor, alguém que escreve seus sentimentos como forma de permanecer vivo. Aos 39 anos, é profissional de tecnologia da informação, se considera um homem gay, cisgênero e branco. Mora com o esposo em uma grande cidade da região Sul do país. O Escritor, desde os 26 anos de idade – momento cronológico em que tentou suicídio –, carrega em sua carteira de bolso uma carta que escreveu a punho e deixara como forma de despedida da vida para aqueles que amava. Ele também tem um blog privado no qual escreve seus sentimentos, segundo ele como forma de elaboração das suas dores. A entrevista foi realizada 09/11/2021, aconteceu virtualmente e teve o áudio gravado.

Ele começa dizendo:

Escritor: Bom, foi entre final de 2008 e começo de 2009. Eu lembro que eu tinha 26 anos. Eu estava em uma crise muito grande de identidade. Eu já tinha contado para os amigos mais imediatos e tinha pouco mais de um ano que eu tinha deixado de morar com uma tia e estava morando sozinho, estar sozinho proporcionou que eu me desapegasse das amarras de alguns familiares, porque isso sempre pesa em questão de contar ou não. A família afeta muito a gente, né?

Compreendemos que ele nos fala da angústia de ser quem se é e do receio de falar de si para os familiares. Do estar-aprisionado ao olhar e julgamento daqueles mais próximos e de como sempre fora-para-o-outro. Ora, se por um lado o cotidiano proporciona espaços de familiaridade que nos absorve em definições de como devemos ser e agir no mundo, por outro lado as disposições afetivas fundamentais, aqui sobretudo a angústia e o temor, podem suspender nossas certezas identitárias. Heidegger (2015) faz referência à angústia como o estado do ser-aí em fuga de si mesmo e ao medo como uma afinação que se abre quando aquilo que nos diz respeito é colocado diante de nós. E nesse medo há sempre algo que se anuncia.

O Escritor continua:

Escritor: Meus amigos mais imediatos já sabiam, eu já tinha alguns contatos românticos, na verdade sempre tive desde adolescente, mas era uma coisa muito fechada e que eu tomava muito cuidado, tanto que do final da minha adolescência para o começo da minha vida adulta eu tinha desenvolvido um problema de mentir compulsivamente. Comecei a inventar histórias sobre mim mesmo para os familiares sobre ser gay e dizia que era ateu. Eu nunca tive uma ligação com a religião da minha família, que é extremamente católica.

Na narrativa do Escritor a família aparece como instituição de interdição e

Maria Vanessa Morais da Silva, Ana Karina Silva Azevedo

lugar de sofrimento. Ele dizia estar mentindo sobre ser gay quase como se quisesse testar o apreço de sua família. Dizia ser tudo o que a família não concordava e colocava em xeque sua identidade, quem ele mesmo era. Por que ele precisava dizer estar mentindo, quando ser gay era sua verdade?

Feijoo (2011, p. 54) vai dizer que: “Frente à situação que se abre pela tonalidade afetiva do temor, duas possibilidades se abrem: retomar a obediência às crenças e rituais que de alguma forma prometem prevenção e controle ou assumir uma atitude corajosa”. O Escritor entra em conflito escondendo com muito cuidado quem ele era, temendo sua família, ao mesmo tempo em que existia um desejo por liberdade, libertação de si, como experiência genuinamente humana por excelência.

O que encontramos na narrativa do Escritor é um existir restrito e podado. Ele habitava uma família na qual não podia ser quem era e afinava-se em uma atmosfera de temor, receio, medo, silenciamento. A familiaridade do Escritor expressava-se como esconderijo e seu habitar diz respeito fundamentalmente à sua condição de ser-no-mundo, e nesse sentido, à medida em que ele habita não se sente em casa e permanece assim atravessado por um sentimento de solidão e não-pertencimento.

Escritor: Eu como adolescente detestava quando tinha reuniões em casa, porque eram muitas pessoas me observando. Pra você ter uma ideia, com dezoito anos de idade uma vez me escondi debaixo da cama. Eu sentia as pessoas me observando, e por eu ser muito fechado... As pessoas sempre sabem, né? E na minha família o pessoal sempre foi de ficar cutucando. Meu pai falava as asneiras dele, minha vó e minhas tias ficavam perguntando pelas namoradas. Tanto que eu nunca gostei de encontro de família, eu sempre dava um jeito de sair ou me esconder.

A família parecia desalojá-lo, uma vez que o colocavam em um lugar onde se sentia observado e encurrulado: “Onde estavam as namoradas?” As cutucadas pareciam apontar na direção do que o Escritor tanto se esforçava a encobrir. Então no seu movimento de ser, escondia-se embaixo da cama para não ser “descoberto”.

Para Heidegger (2015), o Dasein conhece o mundo ao entrar em contato com os entes que o cerca, e essa abertura de mundo se dá em conjunto com todas as dimensões do existir humano, os lugares nos quais habitamos, existimos e somos dizem de nós mesmos. O que diz então o habitar do Escritor? É um habitar marcado por um desalojamento que o fecha para o mundo e para ele mesmo. Ele precisava se esconder e esse então era seu mundo, um esconderijo.

O Escritor aprendeu com o que conferia familiaridade a seu mundo circundante: que ser gay era algo errado, que amar outro homem era motivo para se esconder e fugir, pois, ser quem se era não tinha espaço em sua família. Corroborando com isto, Heidegger (2015) vai dizer que o Dasein tem a tendência de compreender seu próprio ser a partir daquele ente com quem ele se relaciona e se comporta primeira e continuamente mediante o mundo que habita e o modo de ser que lhe é constitutivo.

O Escritor continua a trazer exemplos da sua juventude para tentar dizer de si, como se ele nos sinalizasse a trama de significados em que se inscreve os sentidos de ser um homem gay para ele:

Escritor: Teve um episódio na escola de onde eu estudava de dois meninos pegos se beijando no banheiro. Eu estudava numa escola adventista, então todas as professoras passaram a semana inteira falando o quanto aquilo era abominável. Aí eu comecei a fazer as primeiras barreiras, porque eu percebi que me identificava com eles, só que de repente eu era um vilão. Quando eu lembro da cena daqueles dois meninos na escola, sendo tirados do banheiro à força e todo mundo ojerizando-os, uma multidão pronta pra bater neles... Aquilo me pegou muito, porque eu não queria aquilo pra mim, mesmo sabendo que era igual a eles. Então eu precisava mentir, ainda mais sendo uma escola adventista.

No trecho acima, a escola aparece como uma marca traumática na existência do Escritor viu no outro, no espaço público, sua sexualidade sendo repudiada. Logo percebeu, ainda pequeno, que precisava se esconder. Esconder-se da violência, da opressão, dos julgamentos, sobretudo precisava se esconder de si. Mesmo já se reconhecendo naqueles meninos, reconhecendo seus desejos, como expressar quem se é numa sociedade que violenta homens gays? Como dizer de si quando o que somos é rejeitado por aqueles que circundam o meu viver? A vida de “mentiras” o salvou, de si e do outro, por muito tempo.

É preciso que se abra espaço para uma reflexão temporal-histórica. Aqui a historicidade não está meramente ligada a um tempo cronológico exato, a um passado que se findou em si mesmo, mas quer dizer que somos seres históricos. Quando o Escritor narra o episódio que ele presencia na escola, fala da sua história, de como ele se relaciona com o tempo, mostra seu mundo, seu espaço. O Escritor não se relaciona só com o seu passado no momento que narra, mas também com sua história.

Compreendemos que não há esse passado cronológico encerrado, mas há um ser-histórico que existe em seu modo de ser-história. Segundo Sampaio (2013), “A existência é o próprio tempo, projetado para futuro, passado e presente. Este projeto temporal se traduz no caminho da realização da própria existência” (Sampaio, 2013, p. 40). Na empreitada de conhecer a si mesmo, a narrativa da nossa experiência, a nossa história não é um mero relato do passado, mas está presente neste momento e se faz presente no projeto de futuro.

O que pode então nos livrar de certas sujeições? Poderia o Escritor ser quem ele é e viver nesse mundo sem sofrimento? Ou viver uma vida onde não fosse julgado? Talvez diante de um sistema político e ideológico que nos abriga isso seja utópico. Entretanto, ontologicamente, existe uma atmosfera existencial, uma disposição que coloca o existir em possibilidade de rompimento com certas sedimentações e familiaridades cristalizadas que não dizem de nós: a angústia. No trecho a seguir podemos refletir nessa direção:

Escritor: Com o passar do tempo eu fui me angustiando e a questão da minha tentativa foi por conta disso, porque eu precisava, estava me expandindo nessa questão identitária minha, sabe? Antes era uma coisa bem fechada, eu lidava com isso tranquilamente e não via problema de levar isso a vida inteira. Até que chegou num ponto ali pelos 24, 26 anos a formar um sentimento de querer me abrir. Depois de me abrir com os meus amigos, senti a necessidade de me abrir com mais pessoas. E aquilo foi me martelando, no trabalho, em casa... E eu lembro de algo que meu pai sempre repetia em casa: 'na nossa família não tem puta, veado e sapatão'. E eu achava essa frase horrível e tive que ouvir isso durante minha adolescência também já sabendo que era gay.

O Escritor entra em conflito consigo mesmo, nos mais diferentes espaços: na convivência com os amigos, no trabalho, em casa. Revelar ou não sua “identidade secreta”? O que a exposição da verdade sobre si provocaria? Como poderia sair desse armário tão opressor e violento que o lançava em uma sintonia de temor? Segundo Oliveira e Mott (2020), a população LGBTI+ de maneira geral se depara com inúmeras questões com a possibilidade de falar sobre si, sobre quem são. Sentem medo da solidão, abandono da família e amigos, precisam saber até que ponto é seguro contar ou não quem são, devido à violência e represália. Sentem receio de não conseguir empregos, de não serem aceitos e amados, e mais que isso, temem a morte como caminho possível por ser quem se é.

Os medos e receios do Escritor se apresentam numa forma de angústia e morte, como relatado a seguir:

Escritor: Quando eu voltei pra casa, a angústia aumentou... Eu ficava com medo de contar e minha avó morrer. E isso se tornou o principal núcleo da minha tentativa. E aí como eu já era ateu, a morte pra mim é o fim, acaba ali e pronto. É o fim do pensamento consciente. Isso foi a solução pra mim, porque ao me matar eu ia resolver esse problema não existindo mais, não pensando mais sobre isso [...] então comecei a pensar mais sobre isso... Que seria mais fácil. Como seria, como eu faria? E aí eu comecei a pensar também 'mas as pessoas vão querer saber o porquê'. Tanto que eu escrevi uma carta. Não é uma carta de despedida, na verdade é uma carta de explicação de o porquê que eu fiz aquilo. Eu não dava adeus pra ninguém, eu não falava que ia sentir saudades. Eu simplesmente fiz uma carta explicando, e talvez o processo de escrever essa carta foi o que fez eu não consumar o ato.

É interessante que, mesmo pensando na possibilidade de sua morte, mesmo em meio à angústia de morrer para não pensar mais sobre sua sexualidade, de morrer para não precisar dar explicações sobre seus porquês, ainda assim, ele é atormentado pelo olhar do outro, esse olhar que parece invadir seu espaço pessoal e íntimo, por julgamentos que massacram e cortam a pele. Ter que dizer de si era tão difícil para o Escritor que ele preferia, literalmente, morrer. E ele poderia ter escrito uma carta de despedidas, mas ele preferiu chamar de carta de explicações, de motivos. No entanto, para poder falar a verdade, ele

tinha que morrer ou então matar a sua avó de desgosto. Por que as pessoas LGBTI+ precisam o tempo todo dar explicações sobre suas existências? Por que é preciso morrer para poder falar?

Para Heidegger (2017, p. 213) “Falar é dizer = mostrar = deixar ver = comunicar e ouvir de modo correspondente, subordinar-se e adaptar-se a uma exigência, corresponder”. Para o autor, a palavra revela, abre, diz, mostra, e o essencial da linguagem é o dizer: “A coisa me fala. Se compreendermos a linguagem do dizer no sentido de se deixar mostrar como algo, então perceber é sempre linguagem e ao mesmo tempo dizer palavras” (Heidegger, 2017, p. 201).

O Escritor não morreu e de algum modo ele segue escrevendo sua história. Aqui ele nos conta sua experiência frente ao seu sofrimento que se entrelaça e brota das entradas de uma sociedade estruturalmente violenta e homofóbica. Quantos escritores não puderam contar suas histórias?

A radicalidade do encontro com a possibilidade da materialidade de sua morte singulariza e transforma o modo de viver do Escritor. O encontro genuíno com esse indeterminado possibilitou ele olhar a si mesmo e deixar ver que na morte há sempre vida. Para viver ele precisou morrer, mesmo que simbolicamente.

Escritor: Como a gente é quebrado pela sociedade de todas as formas possíveis, e não é suficiente ser perfeito, você tem que ser mais que perfeito, pra você às vezes sequer nem ser visto. Eu tenho que trabalhar duas, três, quatro vezes mais para o pessoal de repente olhar pra mim desconectado do fato de eu ser LGBT. É como um vídeo game, não temos os controles e escolheram pra gente que temos que viver no modo hard. A gente não escolheu viver dessa forma, até porque eu preferia não ter passado por tudo que passei, mas quem torna a vida hard para gente são os outros, né? Porque são os outros que não sabem lidar com a gente. Precisamos aprender a lidar com nós mesmos e com os outros. As pessoas heterossexuais que conheço e converso não tem esse diálogo interno de: porque eu sou assim. E aí eu fico me perguntando: a que ponto a gente precisa chegar para sobreviver? A ponto de se fragmentar, se esmerilhar para poder atender a expectativa irreal de alguém, que, não importa o que você faça, ela sempre vai te agredir. É difícil viver nesse mundo, sempre vai ser.

A narrativa do Escritor exala com muita frequência o cheiro de uma extrema vulnerabilidade marcada no mundo, na existência. Ao narrar a si mesmo ele exprime os cacos de vida que deixamos pelo caminho, os pedaços de nós, quebrados pelos olhares torturantes, pelo medo de sair na rua, de sofrer violência, de não ter um lar, medo de ser descredibilizado mesmo sendo um dos melhores no que faz, medo de ser para sempre invisível. E como é difícil viver assim, não é? Ou a palavra seria sobreviver?

A invisibilidade não surge da ausência espacial desses indivíduos, mas sim das relações de poder estabelecidas. Eles são silenciados e esquecidos não por serem a-espaciais, mas porque enfrentam contradições em suas realidades.

Essa opressão pode se manifestar através da inibição ou intimidação, resultantes da repressão, discriminação e violência. Além disso, a ausência de acesso aos meios de comunicação, a falta de representatividade política, a dificuldade de participar do debate público e a escassez de espaços para expressar suas ideias contribuem para esse silenciamento (Almeida, 2023).

O encontro com o Escritor revela a precariedade que é habitar o mundo para alguém que desvia da norma, para corpos que não se encaixam na lógica desse mundo. Assim como a outra participante da pesquisa, desde criança foi exposto a violências e opressões, em casa, na escola, na igreja. Violências que se perpetuam e tomam uma proporção de morte. É possível encontrar na história dele os sentidos que o fizeram pensar em não mais viver. Um desalojamento existencial excruciente que não permitia que ele se sentisse em casa, que fazia ele fugir e se esconder, que fazia ele duvidar de si, da sua humanidade e da capacidade de viver. Quando criança, presencia na escola o que a sociedade faz quando encontra dois homens se beijando. Ele também era aqueles meninos do banheiro da escola. Ele vai crescendo, silenciando e construindo um personagem possível para habitar esse mundo. Precisava ser o melhor dos melhores, seu desejo e quem ele era não eram tolerados, não podia aparecer. Na família, alguns imperativos: “aqui não existe veado”; “você vai matar sua avó”. No trabalho, assédios; entre alguns amigos, afastamentos. O Escritor silencia, se afasta, se isola, se esconde em seu armário de dor e sofrimento. Em meio ao temor e à angústia, ainda sentia que precisava se explicar, escrevendo uma carta antes de tentar tirar sua vida e, naquele momento, descobre que o ato de escrever o salvaria. Ele vem transformando dor em palavra como maneira possível de viver, apesar dos lugares e espaços que habitam apontarem o contrário.

Considerações finais

A intenção neste trabalho foi a de propor uma reflexão e fazer pensar como pessoas LGBTI+ manifestam suas existências e habitam esse mundo e questionam a permanência de seu existir. Vale salientar, assim como o fiz durante esse trabalho, que nem todas as pessoas LGBTI+ vão idealizar e tentar o suicídio, que é um fenômeno complexo e de muitas causas, não envolvendo tão somente a sexualidade de modo isolado, mas sim, é preciso dizer que pessoas LGBTI+ sofrem, são mortas e se matam diariamente

Não são vidas, são números, e como tal, sequer estão registrados! Existências que se transformam em estatísticas de assassinatos e suicídios. É simbólico que pessoas LGBTI+ neste país, quando não são mortas, desejem morrer. Que transitem uma vida marcada por um não lugar. Vivemos no país que mais mata pessoas LGBTI+ no mundo e ainda assim, esses números são subnotificados e não existem oficialmente.

Sim, é um tema difícil de ser pensado, olhado. E é possível perceber a dificuldade das pessoas LGBTI+ em sentirem-se acolhidas. Na maioria das vezes elas sentem-se expostas e objetificadas, tanto pelo Estado, como pelo discurso médico e moralizante da sociedade. Historicamente, essa comunidade tem suas falas descredibilizadas e suas existências invisibilizadas, sejam pelos descartes dos dados, seja pela falta de políticas públicas afirmativas, ou ainda

pela precariedade dos espaços de acolhimento.

O encontro com os participantes desta pesquisa desvela alguns sentidos de serem pessoas LGBTI+, de como seus sofrimentos são manifestados e a maneira que degustam e habitam esse mundo. Em ambas as entrevistas aparece a disposição afetiva do temor, medo e angústia. Medo de serem quem são, dos julgamentos, da violência, da punição divina. Eles experimentaram inúmeras opressões em meio à família, amigos, no trabalho e em outros diversos espaços da sociedade. Questionam o sentido da vida em meio a tantos desalojamentos e sensação de não pertencimento, de não conseguir habitar esse mundo.

Quando nos encontramos com a história de vida da Andorinha e do Escritor conseguimos nos aproximar de compreensões sobre os sentidos de não mais viver. Eles não desejavam uma morte física, eles queriam silenciar um sofrimento, queriam apagar da existência suas dores. Suas narrativas nos aproximaram de que, para seguirem vivendo, tentaram se encaixar em um mundo regido por comportamentos socialmente aceitos, fugindo e se escondendo de si mesmos, uma vez que o mundo só anuncia como familiar um determinado modo de ser específico, àquele dito cisgenderonormativo.

O espaço geográfico é a construção material da sociedade, é onde as relações sociais, a produção do capital e a existência da humanidade se expressa. Mas, de certo, nem todos os corpos foram considerados nas produções espaciais e temporais, muitos tiveram sua existência negada pelas relações de poder, que baseiam o conhecimento no masculino, branco, binário, cisgênero e heterossexual.

Nesse sentido, não se sofre por ser LGBTI+, pois a orientação sexual e identidade de gênero não é considerada uma categoria de doença. Sofre-se por habitar um mundo onde não se tem lugar e onde nos lembram, o tempo todo, que nossa existência não é bem-vinda, uma vez que as estruturas de poder têm horror a possibilidade de certos corpos existirem, de perceber a corporeidade como manifestação da existência performando a pluralidade entre o feminino e o masculino, entre desejos diversos. Andorinha e o Escritor nos contam a história de como é ser-no-mundo resistindo e construindo sentidos de vida mesmo em meio à precariedade do existir.

O que há além do arco-íris? A compreensão da experiência das pessoas LGBTI+, aqui a Andorinha e o Escritor que tentaram suicídio, nos mostra que, além desse refratar de cores que a diversidade sexual os ilumina, há também sofrimento, medo, incompreensão, violência, fuga de si mesmo, opressão, uma vida sem lugar, uma existência sem pertencimento e o matar-se como possibilidade de não mais viver neste mundo.

Referências

ALMEIDA, Ítalo D'Artagnan. Geografia do gênero e da sexualidade: problematizações em debate. **Gênero, sexualidade e educação**, João Pessoa, v.1, n.8, p. 283-301, out. 2023.

ARAÚJO, Thiago Bloss. Suicídio LGBTQIA+: do sofrimento ético-político às políticas públicas de prevenção. **A Sexualidade & Política: Revista Brasileira de Políticas Públicas LGBTI+**, Fortaleza, v. 1. n. 1, p. 323-345, jun. 2019.



AZEVEDO, Ana Karina Silva. **Não há você sem mim: histórias de mulheres sobrevivente de uma tentativa de homicídio.** 2013. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

AZEVEDO, Ana Karina Silva; DUTRA, Elza. Suicídio em tempos de covid-19: possibilidades de compreensão à luz da ontologia heideggeriana. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 25, n. 4, p. 460-469, dez. 2020.

BAÉRE, Felipe; CONCEIÇÃO, Maria Inês Gandolfo. Análise da produção discursiva de notícias sobre o suicídio de LGBTs em um jornal impresso do Distrito Federal. **Revista Ártemis**, João Pessoa, v. 25, n. 1, p. 74-88, ago. 2018.

BARBOSA, Bruno Rafael Silva Nogueira; MEDEIROS, Robson Antão. Direito, saúde e suicídio: Impactos das leis e decisões judiciais na saúde dos jovens LGBT. **Revista Brasileira De Políticas Públicas**, Brasília, v. 8, n. 3, p. 251-289, dez. 2018.

BARBOSA, Caroline Garpelli. **Habitar o inóspito: a condição humana de desabrigado a partir de Martin Heidegger e Sigmund Freud.** 2020. Tese (Doutorado em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem) – Universidade Estadual Paulista - Júlio de Mesquita Filho, Bauru, 2020.

BENEVIDES, Bruna G.; NOGUEIRA, Sayonara Naider Bonfim. **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020.** 2021. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2021/01/dossie-trans-2021-29jan2021.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2022.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política.** Ensaios sobre literatura e história da cultura. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BROWNE, Kath; LIM, Jason; BROWN, Gavin. Geographies of Sexualities: Theory, Practices and Politics. **Gender and Education**, Austrália, v. 21, n 01, p. 119-120.

CASANOVA, Marco Antônio. No balanço do tédio: Heidegger e o tédio como tonalidade afetiva fática. **O Que Nos Faz Pensar**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 47, p. 79-107, dez. 2020.

DUARTE, André. **Vidas em risco:** Crítica do pensamento em Heidegger, Arendt e Foucault. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

DUARTE, Marco José de Oliveira. Diversidade sexual e Política Nacional de Saúde Mental: contribuições pertinentes dos sujeitos insistentes. **Em Pauta**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 28, p. 83-101, dez. 2011.

DUTRA, Elza. A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 7, n. 2, p. 371-378, jul. 2002.

DUTRA, Elza. Afinal, o que significa o social nas práticas clínicas fenomenológico-existenciais? **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 221-234, ago. 2008.

DUTRA, Elza. Pensando o suicídio sob a ótica fenomenológica hermenêutica: algumas considerações. **Revista da Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 17, n. 2, p. 152-157, dez. 2011.

DUTRA, Elza. Suicídio e Desassossego: pensamentos sobre morte voluntária em tempos de técnicas. In: DUTRA, E. (org.) **O desassossego humano na contemporaneidade**. Rio de Janeiro: Via Verita, 2018. p.103-128.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo **A existência para além do sujeito**: A crise da subjetividade moderna e suas repercussões para a possibilidade de uma clínica psicológica com fundamentos fenomenológico-existenciais. Rio de Janeiro: Edições IFEN; Via Verita, 2011.

FERREIRA, Acylene Maria Cabral. A constituição ontológico-existencial da corporeidade em Heidegger. **Síntese Revista de Filosofia**, Belo Horizonte, v. 37, n. 117, p. 107-123, jan. 2010.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

HEIDEGGER, Martin. **Seminários de Zollikon**: protocolos, diálogos, cartas. 3. ed. São Paulo: Escuta, 2017.

LOVISI, Giovanni Marcos. et al. Análise epidemiológica do suicídio no Brasil entre 1980 e 2006. **Brazilian Journal of Psychiatry**, São Paulo, v. 31, p. s86-s93, out. 2009.

MAUX, Ana Andréa Barbosa. **Masculinidade à prova: Um estudo de inspiração fenomenológico-existencial hermenêutico sobre a infertilidade masculina**. 2014. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014.

MENDES, Wallace Góes; SILVA, Cosme Marcelo Furtado Passos. Homicídios da População de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Transgêneros (LGBT) no Brasil: uma Análise Espacial. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 5, p. 1709-1722, maio 2020.

NORONHA, Heloísa. **Homossexuais foram alvo de atrocidades ao longo da história**. 2017. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2017/09/04/gays-foram-alvo-de-varias-atrocidades-ao-longo-da-historia.htm> Acesso em: 29 mai. 2021.

OLIVEIRA, José Marcelo Domingos; MOTT, Luiz. **Mortes Violentas de LGBT+ no Brasil – 2019**. Salvador: Grupo Gay da Bahia – GGB. 2020. Disponível em: <https://observatoriomortesviolenciaslgbtibrasil.org/wp-content/uploads/2022/05/Relatorio-2019.pdf> Acesso em: 01 maio 2025.

ORNAT, Marcio José. Sobre espaço e gênero, sexualidade e geografia a feminista. **Terra Plural**, Ponta Grossa, v. 2, n. 2, p. 309-322, dez. 2008.

REBOUÇAS, Melina Séfora Souza. **Aborto: um fenômeno sem lugar – uma experiência de plantão psicológico a mulheres em situação de abortamento**.

Além do Arco-Íris: O Suicídio da População LGBTI+ em uma Compreensão

Fenomenológico-Hermenêuticas

2015. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

ROCHA, Marcio Arthoni Souto; BORIS, Georges Daniel Janja Bloc; MOREIRA, Virginia Moreira. A experiência suicida numa perspectiva humanista-fenomenológica. **Revista da Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 18, n. 1, p. 69-78, jun. 2012.

SAMPAIO, Vitor. Reflexões sobre o conhecer si mesmo como acesso ao sentido. **Rev. NUFEN**, Belém, v. 5, n. 1, p. 36-43, jul. 2013.

SILVA, Ednaldo Antônio; LIMA, José Ronaldo. Os Impactos Psicossociais da Homofobia. In: LINS, F.; MENEZES, W.; SENA, R. (org.). **Gênero e outros saberes: múltiplos olhares**. Recife: Libertas, 2019. p.73-108.

TAVARES, Marcelo da Silva Araújo. Perguntas e Respostas. In: **Suicídio e os desafios para a psicologia**. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2013. p.141-143.

TEIXEIRA-FILHO, Fernando Silva; RONDINI, Carina Alexandra. Ideações e tentativas de suicídio em adolescentes com práticas sexuais hetero e homoeróticas. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 651-67, jul. 2012.

TRZAN-ÁVILA, Alexandre. **Identidade de gênero**: Performatividade, ser-aí e subversões. Rio de Janeiro: IFEN, 2019.

#VOTELGBT. **Diagnóstico LGBT + na Pandemia**: Desafios da comunidade LGBT + no contexto de isolamento social em enfrentamento à pandemia de Coronavírus. Disponível em: https://static1.squarespace.com/static/5b310b91af2096e89a5bc1f5/t/5ef78351fb8ae15cc0e0b5a3/1593279420604/%5Bvote+lgbt+%2B+box1824%5D+diagon%C81stico+LGBT%2B+na+pandemia_completo.pdf. Acesso em: 2 nov. 2025.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Suicide**. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/suicide> Acesso em: 20 out. 2025.

Contribuição de Autoria / Contribución de autoría

Maria Vanessa Morais da Silva: Conceituação; Curadoria de dados; Análise Formal; Investigação; Metodologia; Visualização; Escrita (primeira redação, revisão e edição).

Ana Karina Silva Azevedo: Conceituação; Análise Formal; Escrita (revisão e edição).

Recebido em 22 de julho de 2024.

Aceito em 03 de maio de 2025.

Maria Vanessa Morais da Silva, Ana Karina Silva Azevedo